

## A POESIA DE NICOLAS KALAS APROXIMAÇÕES PRELIMINARES

Antonio Carlos Santos

“Si tu n’attends pas l’inattendu  
tu ne le trouveras pas, car il est  
pénible e difficile à trouver”  
Heráclito

Nos *Prolegômenos a um terceiro manifesto do surrealismo ou não*, escrito em 1942, André Breton lista alguns nomes destacando-os como “os mais lúcidos e os mais ousados de hoje”. Entre eles, estão alguns dissidentes do próprio movimento surrealista como Georges Bataille, que havia recebido duas críticas no manifesto de 1930<sup>1</sup>, Roger Caillois, Masson, Duthuit, Ernst e Calas. Este último, Nicolas Calas, nascido Nikos Kalamaris em Lausanne, Suíça, 1907, havia chegado a Paris nos anos 30, se juntado aos surrealistas e publicado um livro, *Foyers d’incendie*, antes de fazer o caminho que muitos outros intelectuais e artistas fizeram no final da década: fugir de Paris, tomada pelo exército alemão, via Lisboa, para Nova York, para a América, que seria no pós-guerra o lugar da arte moderna, suplantando a velha capital do século XIX. Em Atenas, onde cresceu, Calas havia participado intensamente do movimento intelectual, desde os tempos de estudante de Direito. Aí publicou, a partir de 1933, cadernos de poesia em versos livres<sup>2</sup>, e atuou como crítico usando vários pseudônimos<sup>3</sup>. Nos Estados Unidos, reencontra os amigos surrealistas e trabalha como crítico de arte em periódicos como *Partisan Review*, *Village Voice*, *Artforum*, *Art in America*, *Art International*. Publica em 1942, seu primeiro livro nos Estados Unidos, *Confound the Wise*.

---

<sup>1</sup> Cf. BRETON, André. *Manifestos do surrealismo*. Trad. Luiz Forbes. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 159.

<sup>2</sup> Os poemas de Calas, tantos os desse primeiro período quanto os posteriores, estão reunidos em dois livros publicados pela Ikaros, de Atenas, em 1977 e 1983, respectivamente, *Oδός Νικήτα Πάντος*, com prefácio de Odisséas Elytis, e *Γραφή και φως*.

<sup>3</sup> Como Σπύρος, publicou em 1932, na revista *O KYKΛΟΣ*, um estudo sobre o poeta grego-alexandrino Konstantinos Kaváfis.

No Brasil, Calas aparece em *Poesia Moderna da Grécia*, antologia organizada e traduzida por José Paulo Paes, em 1986, com nove poemas. No comentário sobre o poeta, Paes aponta a uma “agudeza epigramática” aliada a uma “vertente meditativa, a oscilar entre o lírico e o metafísico”.<sup>4</sup> E foram os poemas dessa vertente meditativa que ele escolheu para traduzir, “dada a universalidade de sua matéria e de sua linguagem”. Os poemas que resolvi trazer até aqui incluem-se nessa definição, mas não foram traduzidos por José Paulo Paes. O primeiro, *Ainda distingo a luz* (Ακόμα διακρίνω το φως), compartilha essa atmosfera meditativa, contida em poucos versos — duas estrofes, sendo a primeira de cinco versos, e uma conclusão em dois — e aponta já para o contraste entre a luz escassa, a fria luz dessa vida, o desenho de um rosto com olhar rude, sorriso severo e a necessidade de ir até o mar, essa metáfora tão grega, em busca de calor e de carícias:

Ainda distingo a luz —

a bela cabeça com o olhar rude, o sorriso severo,

o perfil abrupto, a pele como neve,

o olho turvo como recém-saído do rio gelado,

a fria luz dessa vida.

Por isso vou até o mar —

no fundo de seu regaço seus afagos talvez me aqueçam

O poema foi publicado no Primeiro Caderno (Τετράδιο Α'), em 1933, na forma de *feuilles volantes*, a mesma utilizada por Kaváfis. As sombras que cobrem os poemas desta época

---

<sup>4</sup> cf PAES, José Paulo. *Poesia moderna da Grécia*. Seleção, tradução direta do grego, textos críticos e notas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, p. 191.

remetem à dura situação da Europa no entre guerras e, também, é claro, à própria situação da Grécia que, em 1936, iria começar a enfrentar a ditadura de Metaxas, época em que Calas deixa o país para se radicar na França. Do mesmo caderno, temos ainda *Meço as perdas* (Μετρώ τα χαμένα), nove versos que contabilizam o passado como perda mas que deixam aberta a possibilidade de um futuro — Αύριο μπορεί να μην είναι το τέλος:

Meço as perdas — as remeço.

As do ano passado, do retrasado,

aquelas que perdi ontem

as outras — as irrealizadas.

Não as somo

sei que a culpa é minha —

isto não me protege da desilusão.

Evito somá-las.

Amanhã pode não ser o fim!

Se há pontos de contato entre a poesia de Calas e a de Kaváfis, neste primeiro momento podemos ressaltar o tratamento da memória e a utilização de personagens da história da cultura grega para dar conta da situação presente. Lembremos que Kaváfis, em grande parte de sua obra, monta cenas históricas, muitas vezes retiradas de leituras clássicas, Plutarco, por exemplo, no poema *O Deus abandona Antônio* (Απολείπειν ο Θεός Αντωνίου), de 1911, para desenhar um momento de queda, de reviravolta da sorte histórica, um momento em que as vidas encontram seu ponto de mutação, em que os bárbaros são um doce remédio a uma civilização cansada, esgotada. Vejamos *Hipácia 1933*, poema que tem como personagem a matemática e filósofa neoplatônica

que viveu no século IV d.C., tempo de mudanças radicais para os habitantes de Alexandria que viam seus antigos ídolos pagãos, a velha religião da Grécia, serem substituídos pelo cristianismo. Conta-se que Hipácia, que aparece também nos epigramas de Paladas, de quem era contemporânea, teria sido torturada pelas hordas enfurecidas de monges cristãos em 391. Interessante pensar, a partir do título, a justaposição deste personagem do século IV com a data 1933:

Em meio às águas do Nilo, de rios que atravessam modernas

megalópolis, banha-se.

Acima de tudo porém com esse líquido dá de beber a lábios idolatrados.

Tornou-se sábia. Ensina o valor de palavras que não se transformam em

cinza

não se grafam.

A ela basta repeti-las por toda a noite

sem a atenção do outro nem por um momento enfraquecer.

Aqui, ao invés do momento de transformação, encontramos uma defasagem, bastante comum a nós que trabalhamos com a literatura nos dias de hoje: por um lado um dizer/repetir palavras que não se transformam em cinza, e, por outro, uma total falta de atenção daqueles a quem essas palavras são dirigidas. À figura sábia da matemática e filósofa basta repetir toda a noite este canto cujo destino em seu presente é não encontrar ouvidos. Este poeta que repete para

si, Narciso, que se basta a si, se desdobra ainda naquele que recebe do outro apenas a miséria de sua própria figura despedaçada, a imagem que não gostaria de dar de si, mas que, à revelia, escapa de seu corpo e volta a ele como decrepitude, repulsa, como alguém que duvida agora, neste tempo sem esperanças, de sua bela imagem. Assim é *Narciso 1934*, que apresento em versão diferente da publicada por José Paulo Paes:

Agora que a esperança dirige-se ao passado  
que a hora das decisões não volta mais  
e as ruas do mar os passadiços de madeira declinam em  
outros horizontes  
é a seu próprio corpo que retorna  
emboscada na extensão das águas estagnadas  
a imagem de um decrepito enrugado repulsivo narciso  
a imagem que Narciso não queria dar de si.

A memória e o labor da escritura poética, tema de muitos poemas de Kaváfis, estão encenados nos versos de Calas, ou seja, a relação do tempo com a matéria da escritura, com essa experiência que Benjamin estava teorizando por estes anos mesmo como algo que havia ficado para trás. Vejamos *Havíamos parado* (Είχαμε σταματήσει):

Havíamos parado... e conversávamos  
o que falávamos não tem importância.

Me contento agora que minhas lembranças se enriqueceram  
a ouvir os sons suaves daquelas nossas palavras retornarem.  
Tento com a música delas  
fabricar para esta noite erótica uma nova história.

Chegará o dia em que irei narrá-la — eu quero.  
Talvez no entanto seja preciso antes conhecê-la.  
Aqui é que começam as dúvidas, os medos, as ansiedades.

O verso “chegará o dia em que irei narrá-la” (θά ῥθεί μια μέρα που θά τή διηγηθῶ — το θέλω) ecoa aqueles de *Μια Νύχτα*, que Paes traduziu como *Uma noite: που και τώρα / που γραφῶ, έπειτ’ απο τόσα χρόνια!*, / *μες στο μονήρες σπίτι μου, μεθῶ ξανά* (que ainda agora, / ao escrever, tantos anos depois, / nesta casa vazia, eu de novo me embriago.). Ou ainda *Να μείνει*, de 1919: *είκοσι έξι χρόνους διάβηκε· και τώρα ήλθε / να μείνει μές στήν ποίησιν αυτή*, vinte e seis anos se passaram; e agora veio / para ficar inscrito neste poema. E *Η αρχή των*, 1921: *Αύριο, μεθαύριο, ή μέ τά χρόνια θά γραφούν / οι στίχ’ οι δυνατοί πού εδώ ήταν ή αρχή των*. Na tradução de José Paulo Paes, *A origem: Amanhã, no outro dia, anos depois, serão escritos / os versos fortes que aqui têm sua origem*. O procedimento da lembrança como fonte da escritura aparece tratado de maneiras diferentes nos dois poetas: em Kaváfis é o poeta velho que lembra as experiências eróticas de quando jovem, os instantes mágicos em que algo parava o tempo; em Kalas, é o jovem que projeta — eu quero — um dia narrar “esta noite erótica” e sabe dos medos e ansiedades a enfrentar para voltar a Ítaca. Um fala a partir de um presente que rememora; o outro

de um futuro projetado. Ambos, no entanto, tratam de agenciar essa força guardada pela memória e torná-la força poética, gravada em versos fortes.

E se encontramos Kaváfis ecoando nos versos de Calas como um inquilino ilegal, escondido, não é surpresa encontrá-lo ainda como convidado, como elemento central, exposto no título: K.P.Kaváfis:

Celeste, seu olhar empresta ao verso cor de horizonte marítimo.

Aqui batizadas as palavras tecem com cordas de harpas eólicas cânticos de cisnes.

Correm canções pelos ares com sopros iônicos,

chegam a Bizâncio, à nacional Nicomédia.

Nas costas da Síria tripulações de ricos comerciantes remam.

Mas amiúde ondas irascíveis destróem os carregamentos desses navios

e os sons bárbaros de remos que se desdobram

na escura Alexandria, aterrorizadas gaivotas trazem.

A eles agora escuta o poeta e irriga o mar rebelde com

azeite aromático.

Aqui estão os topos tão queridos ao mestre alexandrino: Bizâncio, Nicomédia, Alexandria, a Síria, território regado pelo nomadismo de Alexandre. E mais, esse território helenizado ameaçado pelas ondas irascíveis e pelos bárbaros. A presença do poeta alexandrino nos versos de Calas dá indícios de um estado de coisas: as sombras que cobrem a Europa cansada de guerra chegam à cidade trazidas pelas gaivotas aterrorizadas. Esta cidade que como ponto de partida e de chegada era apenas um *télos* que mantinha firme o desejo de aventura, a necessidade de correr o mundo, de construir uma experiência do mundo. Esta cidade, Η πόλις, 1910, que Paes traduziu como A cidade, é aquela que há de te seguir mesmo quando queres abandoná-la. Pois

bem, é ela que ressurge do primeiro verso da segunda estrofe de Kaváfis — Καινούριους τόπους  
δεν θα βρεις (Não acharás novas terras) — no título de Calas: ΑΛΛΗ ΠΟΛΗ ΔΕ ΘΑ ΒΡΕΙΣ.

Os batráquios têm sede  
os corvos têm fome  
e a voz das gaivotas  
que o vento expulsou do mar  
é voz de medo —  
isto me comove.

Alhures a terra muito difere  
não se ouvem batráquios  
não se ouvem corvos  
o chão aqui se abastece de asfôdelos  
tremem quando tocados pelo vento.

Não importa onde vou reconheço a direção dos caminhos.

É certo que os poemas que compõem estes primeiros cadernos de Calas mantêm um diálogo com a poesia de Konstantinos Kaváfis, mas também é preciso salientar que os poetas dos anos 30, Embeirikos, Ritsos, Seféris e o próprio Calas, ou Nikita Rantos, como costumava assinar seus versos, estavam introduzindo e desenvolvendo o verso livre naqueles mesmos anos e rompendo com uma tradição construída desde o século XIX por Solomós e Palamás, por exemplo. Para terminar, e não concluir, um poema do segundo caderno (Τετράδιο Β’):

Os olhos do amor para mim são agora celestes  
vejo-os enquanto olho a onda, o céu de Agosto  
tenho-os diante de mim quando imensos cílios acariciam seu sono.  
No sono, o meu próprio, sonhos prosseguem a obra.

A primeira experiência com os versos dos anos 30 de Calas é parte de um projeto maior, aqui apenas iniciado, projeto que pretende ler, junto com sua poesia, o trabalho teórico exposto em *Foyers d'incendie* (1938), *Confound the wise* (1942), *Art in the age of risk* (1968) e em tantos artigos publicados durante sua vida de polemista em revistas americanas.